

**Gabriel Fonseca Rezende**

**Uma crítica à Psicologia Científica: da Fenomenologia de Edmund Husserl às ideias de  
Farias Brito no Brasil.**

**Uberlândia-MG**

**2018**

**Gabriel Fonseca Rezende**

**Uma crítica à Psicologia Científica: da Fenomenologia de Edmund Husserl às ideias de  
Farias Brito no Brasil.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Instituto de Psicologia da Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção  
do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

**Uberlândia-MG**

**2018**

**Gabriel Fonseca Rezende**

**Uma crítica à Psicologia Científica: da Fenomenologia de Edmund Husserl às ideias de  
Farias Brito no Brasil.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Banca Examinadora

Uberlândia, 06 de dezembro de 2018.

---

Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG

---

Lauren Manuela de Paula Silva

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG

---

Thaíke Augusto Narciso Ribeiro

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG

**Uberlândia-MG**

**2018**

## **Resumo**

A Psicologia, enquanto uma reflexão da alma é milenar, porém, após o método cartesiano e, posteriormente na ânsia de se tornar ciência, separou-se da filosofia, e se desenvolveu como científico-experimental. A transposição desse método para a Psicologia demonstrou vários problemas epistemológicos. A psicologia que antes sondava os mistérios e a complexidade da alma humana passou a se ocupar na mensuração da consciência e das experiências externas. O presente artigo pretende evidenciar as críticas da Fenomenologia de Edmund Husserl e da Psicologia Transcendente de Farias Brito à Psicologia científica. Para isso, a pesquisa realizada foi qualitativa do tipo bibliográfico tendo como base a filosofia fenomenológica e a filosofia britana, seguindo os procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica. Os textos basilares escolhidos foram “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental – Introdução à Fenomenologia” e o “Mundo Interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito”. Concluiu-se que há muitas convergências entre o pensamento husserliano e britiano no que tange a perspectiva da alma humana. Ambos denunciaram o equívoco da transposição direta do método positivo para a Psicologia, impossibilitando o acesso às essências, o estudo da totalidade e as respostas das questões humanas essenciais. Husserl e Farias Brito apresentam métodos para uma nova psicologia: o método fenomenológico e o método introspectivo, respectivamente.

**Palavras-chaves:** Crise científica, Edmund Husserl, Psicologia fenomenológica, Farias Brito, Psicologia Transcendente.

## **Abstract**

Psychology, as a study on the soul, is millenarian. However, after the cartesian method, in its eagerness to become science, psychology separated from philosophy and developed during the effervescence of the scientific-experimental method. The transposition of this method to psychology has demonstrated several epistemological problems. The

psychology that previously probed the mysteries and complexity of the human soul began to focus on the measurement of consciousness and external experiences. The present article intends to highlight criticisms to scientific psychology presented by Edmund Husserl's phenomenology and Farias Brito's transcendent psychology. In order to accomplish this goal, this research was based on the phenomenological philosophy and Brito's philosophy, following the methodological procedures of the bibliographical research. The texts selected were *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology: an Introduction to Phenomenological Philosophy* and *Inner World*. Many convergences between Husserl's and Brito's thinking were found regarding the perspective of the human soul. Both denounced the misconception of the direct transposition of the positive method to psychology, since the access to essences, the study of totality, and the answers to the essential human issues became impossible. Husserl and Brito present methods for a new psychology: the phenomenological method and the introspective method, respectively.

**Keywords:** Scientific Crisis, Edmund Husserl, phenomenological psychology, Farias Brito, Transcendent Psychology.

## INTRODUÇÃO

A Psicologia, enquanto reflexão da alma, é milenar. Desde que a humanidade começou a questionar sobre a presença da alma, sobre aquilo que está para além do corpo, pode-se dizer que a “psicologia” existe. Com alguns filósofos a psicologia foi se desenvolvendo ainda mais na tarefa de sondar a alma ou o espírito, sendo que posteriormente essas reflexões psicológicas se pautaram na subjetividade e na objetividade que permeiam o itinerário do pensamento humano (Goto, 2015). Dentre as produções do conhecimento humano estão a filosofia e a ciência, sendo esta última fruto da primeira. Todavia, a ciência deu o grito de independência, quando, pelo método cartesiano, passou a estudar o objeto desvencilhado de qualquer aspecto subjetivo (Brito, 2006b).

A ciência moderna realizou grandes feitos e ampliou o domínio do homem sobre a matéria, pois produziu diversos conhecimentos que permitiram o entendimento de várias relações causais. “O resultado do desenvolvimento consequente das ciências exatas na Modernidade foi uma verdadeira revolução no domínio técnico sobre a natureza” (Husserl, 2008, p. 13). Por isso, a ciência moderna, consequentemente positiva, influenciou significativamente o pensamento humano e perpassou as diversas produções intelectuais. Dessa forma, o conhecimento sobre o ser humano e a subjetividade também foram impactados, haja vista que o método científico-experimental passou a ser utilizado também na psicologia e em outras disciplinas humanas.

A transposição desse método, sem um olhar crítico mais apurado e apostando em sua própria “prosperity”, fez com que a Psicologia se distanciasse cada vez mais da subjetividade, pelas premissas do próprio método. A Psicologia se tornou científica (no sentido de ciência positiva), e assim menos humana (Brito, 2006b). Embora o pensamento positivo fora triunfante entre os acadêmicos, alguns pensadores, observando o impacto que essa medida causou e causaria, se posicionaram como uma verdadeira resistência, ao apresentarem obras

com um embasamento profundo. Dentre esses, elenca-se Edmund Husserl (1859–1938), o fundador da Fenomenologia, e o filósofo brasileiro Raymundo de Farias Brito (1862-1917), considerado por muitos como um dos maiores filósofos brasileiros.

Diante do exposto, entendemos a importância de se analisar as críticas à Psicologia científica-experimental feitas por esses filósofos insignes para compreendermos a fundamentação dela enquanto ciência e os problemas epistemológicos que surgiram na transposição do método positivo para os estudos do psíquico. Portanto, temos o objetivo de evidenciar as críticas da Fenomenologia de Edmund Husserl e da Psicologia Transcendental de Farias Brito à Psicologia científica, afinal os dois autores denunciam essa como uma “Psicologia sem alma”.

## **MÉTODO**

Realizou-se, nessa pesquisa, um estudo qualitativo do tipo bibliográfico, o qual teve por alicerce a filosofia fenomenológica. A pesquisa bibliográfica, segundo Lima e Miotto (2007, p.39), é um “processo de pesquisa e se caracteriza como uma atividade científica básica, que através da indagação e (re) construção da realidade, fomenta a atividade de ensino e a renova frente à realidade”. Consonante a isso, realizou-se também a pesquisa denominada por Embree (2011) de erudição, ou seja, durante a pesquisa bibliográfica fez-se uma investigação fenomenológica dos textos com a intenção de buscar o conhecimento das coisas através dos textos pesquisados e não a mera interpretação deles. Portanto, o trabalho produzido não se limita a interpretação dos textos, mas é uma produção de um texto sobre coisas, ou seja, uma produção fenomenológica sobre os textos estudados. Afinal, “ser um fenomenólogo genuíno requer chegar para além dos textos e abordar as próprias coisas” (Embree, 2011, p.20).

De acordo com Lima e Miotto (2007, p.38), “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Por isso, os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa bibliográfica estão de acordo com os apontados pelas autoras, as quais os separam em quatro fases: a primeira fase consiste na elaboração do projeto de pesquisa; a segunda fase é a investigação das soluções; a terceira fase é a análise explicativa das soluções; e a última, e o produto final da pesquisa, é a síntese integradora (Lima e Miotto, 2007).

De posse do objeto de estudo, realizou-se o levantamento bibliográfico de modo a possibilitar a investigação desse objeto. Os textos basilares escolhidos foram, portanto, “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental – Introdução à Fenomenologia” (Husserl, 2012) e o “Mundo Interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito” (Brito, 2006b). Fez-se, então, a análise dessas obras através da leitura exploratória e crítica. Em seguida, ao compararmos os textos com a literatura científica sobre o tema e a análise crítica e fenomenológica, apresentou-se a síntese integradora das soluções (Lima e Miotto, 2007).

### **DA ALMA À CONSCIÊNCIA: a Psicologia Científica.**

O início do pensamento racional acerca do psiquismo se dá no bojo do desenvolvimento filosófico. Goto (2015) afirma que os primeiros estudos racionais sobre o psíquico foram formulados na antiguidade grega e, nesse período, a intenção era refletir sobre a alma. Da mesma forma, por exemplo, Sócrates (469a.C.-399a.C.) estremeceu as bases da Filosofia quando empregou importância à máxima “Conhece-te a ti mesmo”, inscrita no Templo de Apolo em Delfos, visto que, por isso, o conhecimento de si, ou seja, do próprio humano entrou no centro dos pensamentos filosóficos sobre os valores e as condutas humanas (Almada, 2008b). A filosofia, então, se desenhou como a “ciência do espírito humano”.



É importante ressaltar que, após esse período, o pensamento religioso ganhou relevância com as reflexões filosóficas, tanto na proposição de ideias quanto na repressão daquelas contrárias aos dogmas religiosos. Santo Agostinho (354-430), por exemplo, representante da igreja cristã, discorre sobre a autoconsciência como fundamento para a conversão de um indivíduo (Almada, 2008b). Basta lembrar da busca pela interioridade de Agostinho (XXXIX, 72) quando afirma: *Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas* (Não saias fora de ti, volta-te a ti mesmo; a verdade habita no homem interior). Entretanto, a coibição, por parte do clero, dos pensamentos críticos e filosóficos originou um movimento que visava dissociar a filosofia da religião. Em consequência, os filósofos foram imbuídos de uma aversão a qualquer aspecto espiritual e, portanto, os estudos da natureza enquanto matéria ganharam corpo e a realidade passou a ser interpretada e explicitada segundo um ponto de vista mais materialista (Brito, 2006).

De acordo com Husserl (1991, citado por Goto, 2017), Galileu Galilei (1564–1642) ensejou uma forma de pensar inovadora, pois deu origem ao pensamento matematizante da natureza. Essa inovação foi um marco para a ciência, pois, a partir dela, os fenômenos físicos puderam ser explicados apenas pelos aspectos objetivos (Goto, 2015). E, conforme Teza (2015), as investigações na Modernidade passaram a se orientar pela concepção galilaica. Assim, a Filosofia, enquanto “ciência do espírito”, não passou imune à matematização e sofreu bastante influência da onda materialista, cujo discurso era o de que apenas poderia existir “ciência do espírito” para quantificar as sensações e a consciência (Almada, 2008b). Dessa forma, a descrição da subjetividade e da introspecção para o conhecimento de si foram paulatinamente sendo desprezadas em detrimento às mensurações. Está claro que a Psicologia sofreu os efeitos desse processo, afinal:

No processo de emancipação da Psicologia como ciência natural, é possível afirmar que ela não desenvolveu uma metodologia própria. Ou seja, se por um lado não

delimitou claramente seu objeto, por outro, não elaborou uma teoria e um método únicos, próprios para suas investigações (específicos ou únicos enquanto paradigma, conforme postula Kuhn, 1991). Ao contrário, passou a se alicerçar – predominantemente – a partir da incorporação direta dos modelos normativos de ciência natural, tais como a observação, a experimentação e a quantificação, a partir da imposição ideológica do Positivismo reinante. Assim, foi a partir da ciência positiva e natural que a Psicologia se apresentou como uma “verdadeira” ciência da consciência (Costa, Goto, & Holanda, 2018, p. 39).

Consequentemente, fundamentado pela influência do empirismo e do associacionismo britânico, e o contexto neurofisiológico iluminista, esse viés também ascendeu no pensamento psicológico e nas epistemologias que o fundamentam, visto que, com os procedimentos estatísticos, vislumbrou-se a possibilidade de previsibilidade do humano e, portanto, de controle (Castro & Gomes, 2015).

Destarte, a visão antropológica e ontológica do humano foi impactada, dado que o grau de liberdade deve ser quase, senão, inexistente em uma conjuntura de possível previsão e controle do humano. Tal como afirma Santos (2011), para se prever a ação humana sob o viés objetivo, deve-se admitir como condição *sine qua non* um determinismo natural. Logo, por causa disso, a perspectiva ontológica do humano tende ao mecanicismo fiscalista, ou seja, ao homem-máquina ou homem-robô. Com base nessa perspectiva, conjecturou-se, portanto, que o homem pode ser objeto da ciência positivista.

Nesse interim, ganha corpo a ideia de uma “Psicologia Científica” na tentativa de substituir a filosofia como “ciência do espírito” para uma ciência da subjetividade. A atribuição dela basicamente era destrinchar por meio de experimentos objetivo-empíricos a consciência e os seus efeitos (Almada, 2008b). A ideia newtoniana de que “a filosofia experimental encontra nos fenômenos físicos, e apenas neles, o ponto de partida para qualquer

resultado o qual se proponha preciso, seguro e objetivo” (Almada, 2008a, p. 73), embasa, ainda mais, o começo da Psicologia Científica. O pensamento de vários outros pensadores e estudiosos corroboraram para essa visão e para o surgimento da “nova ciência”, dentre eles Pavlov (1849-1936), Thorndike (1874-1949), Josef Gall (1758-1828) - o pai da Frenologia, Gustav Fechner (1801-1889) - o fundador da psicofísica, entre outros.

Consonante a isso, a distinção da realidade entre duas concepções – o cognoscível (aquilo que pode ser mensurado) e o incognoscível – apregoada por Augusto Comte (1798-1857) no Positivismo, bem como o sucesso do método experimental nas ciências positivas, como a Química e a Física (Brito, 2006b), reverberou também no campo psicológico. Por isso, até mesmo aquilo que não se limita ao objeto exato foi enquadrado como tal (Teza, 2015). Dessa forma, tem-se que, em 1879, a Psicologia se tornou independente da Filosofia como mais uma ciência positiva, ano em que Wilhelm Wundt (1832-1920) inaugurou o primeiro laboratório psicológico na cidade de Leipzig (Abib, 2009; Goto, 2015; Cardoso & Massimi, 2013). Ao menos, é assim que os registros históricos acampados da concepção tradicional de ciência contam, “apesar de existir um projeto de psicologia desde os primórdios da filosofia moderna, a emancipação da psicologia em relação à filosofia ocorreu fundamentalmente pela incorporação do modelo científico-natural às suas investigações” (Goto, 2015, p. 170). Em consonância a isso, é possível afirmar que para Wundt:

Psicologia como ciência é psicologia empírica. E, como tal, interpreta a experiência psíquica a partir da própria experiência psíquica; deduz os processos psíquicos de outros processos psíquicos; faz uma interpretação causal de processos psíquicos com base em outros processos psíquicos; não recorre a substratos diferentes desses processos, tais como uma mente-substância ou processos e atributos da matéria, para explicá-los (Abib, 2009, p. 197).

Percebe-se, portanto, que há uma intenção explícita de se afastar da metafísica e, conseqüentemente, da filosofia. Depreende-se, ainda, que Wundt, como fisiologista, realizou o mesmo processo que Fechner efetuou entre a Física e a Psicologia, ou seja, buscou analisar e elucidar o psicológico pela Fisiologia. Destarte, como a Psicofisiologia se utilizava da mensuração e quantificação dos processos psicológicos, acessando-os pelos órgãos dos sentidos e do sistema nervoso, os dois pilares basilares da psicologia científica foram a rejeição da introspecção como método de acesso ao psíquico, bem como a impossibilidade de o apreender sem a experimentação positiva (Castro & Gomes, 2015).

Aproveitando-se dessa guinada fisiológica e do método experimental, o Behaviorismo ganhou grande destaque na primeira metade do século XX, com Watson (1878-1958) e Skinner (1904-1990), pois ele foi desenvolvido a partir da explicação do comportamento e da aprendizagem humana pelos princípios evolucionistas da adaptação do organismo ao ambiente (Massimi, 1994). Por isso, Almada (2008b, p. 75) afirma que o behaviorismo foi “a posição mais marcante quanto à enunciação dos princípios básicos da psicologia experimental”. Ainda, o Behaviorismo, principalmente o radical, lançou-se como uma solução para a previsibilidade do comportamento humano, tal como os princípios galilaicos matematizantes discorriam. Assim:

Skinner concentrou toda a pesquisa de psicologia na análise de como o comportamento pode ser modelado pelo ambiente em termos de reforço e condicionamento operante, em que o comportamento opera ou age sobre o ambiente, produzindo resultados previsíveis, capazes, enquanto tal, de modelar o comportamento, fortalecido que é por suas conseqüências (Almada, 2008b, p. 79).

Por causa disso, os psicólogos mais ávidos por apresentar as soluções para o comportamento humano e imbuídos pelo desejo de modelá-lo, se tornaram grandes entusiastas do comportamentalismo. Além disso, para J. Watson, a Psicologia deveria

abandonar quaisquer aspectos que não eram passíveis de observação, tais como a consciência, e focar apenas nas explicações advindas através do comportamento. E, ainda, ele atribui um fracasso da psicologia por não ter realizado esse distanciamento desde o princípio (Goto, 2015).

Conforme verificado, apesar do behaviorismo ser um grande expoente e entusiasta do método empírico-experimental, ele também se apresenta como uma crítica à Psicologia experimental realizada até então. Trata-se inegavelmente de uma crítica que visava levar a ciência psicológica para um método ainda mais objetivo. Seria um erro, porém, atribuir que os behavioristas foram os primeiros críticos e, por isso, a dissensão pioneira. Assim, reveste-se de particular importância a afirmação de Abib (2009, p. 196): “Logo no ponto de partida, o projeto científico da psicologia se bifurca, pois Wundt e James apresentam concepções diferentes de ciência psicológica, e, na sequência, o que o século XX testemunhou foi uma multiplicação de acepções de psicologia científica”. Sob essa ótica, ganha particular relevância o fato de que desde a origem da psicologia científica já houve divergências entre os expoentes e, portanto, uma visão pluralizada da Psicologia. O autor continua dizendo que “diante da proliferação da psicologia moderna, a reflexão epistemológica sobre a psicologia pertence ao gênero epistemologia pluralizada, ou teoria pluralizada do conhecimento, o que significa dizer que a psicologia é conhecimento plural” (p. 196). Fica evidente, diante desse quadro, que não apenas há uma diferença entre uma psicologia científica e outra não científica, como há também várias concepções de psicologias tanto num quadro, como no outro. Nessa mesma linha, Goto (2015, p. 175) explana:

          Todavia, por ser o seu objeto, o psíquico, demasiadamente complexo, sua metodologia não o absorveu totalmente, sempre possibilitando novos estudos e novas conclusões, em um movimento de aceitação e refutação dos resultados. Observamos pela própria história da psicologia científica, que esta possui muitas escolas e abordagens, muitas

vezes com o mesmo objeto, mas com resultados e propostas bem diferentes. Assim, a psicologia, ao mesmo tempo em que alcançou o lugar de ciência, tem seu lugar problematizado pelo fato de não ter chegado epistemologicamente a uma conclusão metodológica que garantisse a sua comprovação científica.

Vê-se, pois, que até a psicologia enquanto uma ciência é epistemologicamente questionada. E, por seu objeto de estudo ser intrincado, não há consenso sobre ele e, obviamente, surgiram várias outras críticas. Pode-se dizer que a transposição dos métodos experimentais utilizados nas investigações da natureza, como na Química e na Física, de forma acrítica foi a motivação dos maiores julgamentos (Cardoso & Massimi, 2013). Nesse sentido, fica claro que a supressão dos aspectos espirituais e subjetivos pelos métodos experimentais gerou diversos questionamentos acerca do objeto de estudo da Psicologia. O mais preocupante, contudo, é constatar que os adeptos da Psicologia científica não se preocuparam com as consequências epistemológicas para a ciência emergente. Não é exagero afirmar que o método positivista e a ânsia pela emancipação da Psicologia enquanto ciência foram as únicas preocupações deles.

Dentre os críticos dessa transposição, há que se ressaltar Edmund Husserl (1859–1938), o pai da Fenomenologia, e o filósofo brasileiro Raymundo de Farias Brito (1862-1917), considerado por muitos como um dos maiores filósofos brasileiros. Para Husserl, a caminhada naturalizante das ciências positivas e a separação delas da razão autêntica as levaram a uma “crise das ciências” (Teza, 2015). Nesse sentido, “Husserl responsabilizou os filósofos e os cientistas pela crise por terem deixado de servir à razão. Segundo ele, o século da ciência desviou-se da razão” (Zilles, 2002, p. 28). Husserl, por isso, pretende pela Fenomenologia corrigir essas distorções ao apresentar uma filosofia que baseará epistemologicamente uma nova psicologia, ou seja, uma “Psicologia Fenomenológica”. Consonante a isso, pode-se dizer:

Parece um contrassenso subordinar a vida do espírito à natureza, se a própria vida espiritual é produtora do sentido da ciência e da natureza. Husserl, ao expor e analisar o impasse da psicologia científica (praticamente em quase toda sua obra), afirmou que somente com a Fenomenologia Transcendental a psicologia será capaz de restabelecer um método e um fundamento que retome autenticamente a motivação das ciências do espírito (ciências humanas e sociais), tornando-se assim uma autêntica Psicologia, ou seja, uma Psicologia Fenomenológica (Costa, Goto, & Holanda, 2018, p. 42).

Percebe-se então que Husserl apresenta uma crítica à Psicologia científica e, da mesma forma, Farias Brito, para quem a mera utilização do método experimental pela Psicologia originou tão só uma “psicologia sem alma”, tal como ele afirma:

Os psicólogos modernos, em particular os psicólogos da escola experimental, fazem desta questão da alma uma questão de pura fisiologia, e é assim [...] que procuram descobrir a alma. Servem-se para isto de toda a sorte de instrumento e de máquinas delicadíssimas. E como decompondo o organismo e submetendo-o à prova das mais engenhosas investigações, nenhuma atividade interna, de caráter subjetivo, se faz visível à luz dos aparelhos, concluem daí que não existe alma, e é, deste modo, pela atividade mesma do corpo que pretendem explicar a energia psíquica. E foi daí que se originou o pensamento de uma **Psicologia sem alma** (Brito, 2006b, p. 383).

Assim, as contribuições dos dois autores sobre a temática, sendo as críticas semelhantes em alguns aspectos, mostram que não ocorreu uma unanimidade dos pensadores quanto à abordagem da psicologia científica.

### **Uma crítica à Psicologia científica: Fenomenologia de Edmund Husserl**

Edmund Husserl nasceu em 1859 em Prosnitz (atual Morávia), de família judia, mas indiferente no campo religioso; na infância recebeu uma menção honrosa na escola em que estudou. Em Leipzig, estudou Matemática, Física e Astronomia. Foi nesse local em que ele

teve aulas de filosofia com W. Wundt e desse contato surgiu o interesse de Husserl pela psicologia filosófica. Em Berlim, ele continuou os estudos universitários em matemática e persistiu nos estudos filosóficos com F. Paulsen (1846-1908), que foi pertencente à escola psicologista de W. Wundt. Em Viena, com F. Brentano (1838-1917), continuou os estudos filosóficos (Goto, 2015). Ao analisar a trajetória estudantil e acadêmica dele, percebe-se as influências que o fizeram concretizar a Fenomenologia.

Todavia, antes de discorrer sobre a Fenomenologia, faz-se mister dissertar sobre a relação entre Husserl e o psicologismo recorrente da época. Husserl buscou estabelecer as bases psicológicas da lógica e da matemática, pois para ele ambas tinham origem nos atos psíquicos (Cardoso & Massimi, 2013). Publicou, então, a obra “Filosofia da Aritmética: um estudo lógico e psicológico” no ano de 1891, cuja qual recebeu duras críticas de Gottlob Frege (1848-1925). Dentre as críticas, havia a acusação de psicologismo devido ao uso da psicologia para a fundamentação da lógica e da matemática (Peres, 2017). O julgamento tinha certa base, visto que, segundo Goto (2015), as ideias psicologistas concebem que por trás do ato de conhecer, qualquer que seja, há atividades psicológicas. Logo, para os psicologistas, compreender a psicologia do conhecimento é o único caminho para conhecer os fundamentos do conhecimento, ou seja, eles concebem "o psiquismo como origem e expressão de todo o conhecimento" (p. 218).

A visão psicologista contribuiu para a "alma filosófica" da Psicologia Científica, afinal se a produção do conhecimento e os atos da consciência podem ser explicados pelas instâncias psíquicas, conseqüentemente, todo esse arcabouço pode ser explicado pela fisiologia (Cardoso & Massimi, 2013). Assim, qualquer manifestação humana poderia ser reduzida ao psiquismo e, por conseguinte, isso denotou uma "psicologização do conhecimento".



Goto (2015) destaca, então, que a publicação da obra “Filosofia da Aritmética: um estudo lógico e psicológico” mostrou um aspecto psicologista de Husserl, embora os estudiosos ainda discutam bastante quanto a esse aspecto. Husserl, entretanto, ao perceber as consequências epistemológicas que o psicologismo ensejava para a Psicologia, contrapôs-se veementemente a essa vertente de pensamento ao publicar, em 1901, a obra "Investigações Lógicas" (Peres, 2017). Nela, o autor contrapõe a ideia de que a consciência tem acesso exclusivamente à representação de um número (ou objeto) e não ao próprio número (ou objeto). Do ponto de vista fenomenológico, a consciência é intencional, ou seja, ela é sempre consciência de algo ou a consciência é sempre dirigida para um objeto, e capta o objeto tal como o objeto é (Giorgi, 2010). Assim sendo, o fundador da Fenomenologia rompe com o psicologismo e com a ideia de representação, e dá início ao pensamento fenomenológico que é também uma crítica à ciência positiva e, conseqüentemente, à Psicologia Científica.

No que tange à ciência positiva, Husserl condena a ingenuidade dos pesquisadores ao considerarem o mundo em si, por adquirido, restando, por isso, apenas compreendê-lo (Giorgi, 2010). Na compreensão dos objetos e fatos, segundo o pensamento objetivo, deve-se eliminar qualquer subjetividade e, por isso, nem os sujeitos nem o pesquisador são tematizados nas investigações (Husserl, 2008). Por conta disso, a ciência não é capaz de explicar o próprio pensamento científico-experimental. Dessa maneira, o mundo, para a ciência positiva, seria um mundo encerrado em si mesmo e os cientistas buscam, então, descrever regularidades que dependem das circunstâncias de um mundo idealizado (Goto, 2015). Husserl, apesar de denunciar alguns equívocos da ciência positiva, não nega a importância dela para a humanidade. Assim,

O resultado do desenvolvimento conseqüente das ciências exatas na Modernidade foi uma verdadeira revolução no domínio técnico sobre a natureza (p. 13). A ciência matemática da natureza é uma técnica maravilhosa para fazer induções de uma

capacidade operativa [...] Enquanto realização, ela é um triunfo do espírito humano (Husserl, 2008, p. 48).

É verdade que a ciência proporcionou um grande avanço. Deve-se observar, entretanto, as reprimendas que Husserl faz ao longo de toda sua obra ante a maneira inadequada de proceder da ciência natural no âmbito da subjetividade ou da essência da Psicologia. Para o filósofo, os naturalistas cometem um grande equívoco quando excluem ingenuamente qualquer elemento subjetivo de uma pesquisa ou quando tentam analisa-lo sob o viés objetivo (Husserl, 2002). Pode-se dizer que a redução positivista aplicada a qualquer investigação, ou seja, a ideia de que um conhecimento apenas é válido se, e somente se, a pesquisa estiver fundamentada em uma epistemologia fisicalista, produzirá tão somente uma simples ciência dos fatos, visto que o método científico não pode sondar a subjetividade.

Quando a Psicologia aderiu a esse método com a intenção de ter o status de ciência, ela transformou a subjetividade em somente uma subjetividade empírica (Goto, 2015). Destarte, Zilles (2002) afirmará “as ciências reduziram-se a puro conhecimento dos fatos, reduzindo o saber e o homem a meras coisas” (p. 37) e “o mundo expresso no modelo científico, interpretado por uma ideologia ou cosmovisão, permanece mundo, mas é um mundo mutilado ou parcial” (p. 41). Portanto, a psicologia abre mão da investigação da totalidade e passa a estudar o “humano particionado”.

Assim, da mesma forma que a natureza inteiramente matematizada descobre a parte objetiva do mundo, ela encobre a parcela que se ampara na subjetividade, ou seja, no espírito. O mundo descoberto é o mundo idealizado pelas experiências, todavia as experiências positivas se esquecem do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) ou mundo da vida cotidiana, ou seja, o mundo pré-científico, aquele que é percebido exatamente como aparece à consciência (Husserl, 2008). A psicologia, portanto, ao adotar o método naturalista-positivista fracassa no próprio propósito de descobrir a alma, de sondar o “humano no humano” e no mundo, de

amparar o indivíduo nas perguntas filosóficas e nas angústias mais essenciais, de perquirir o valor da experiência individual, etc. Todo esse processo, por conta do reducionismo positivista, levou ao que Husserl denominou de “crise na humanidade europeia”, ou seja, “não a Europa compreendida geográfica ou cartograficamente, como se, com isso, fosse delimitado, enquanto humanidade europeia” (Husserl, 2008, p. 16), mas a forma espiritual da Europa. Explica o filósofo que:

Trata-se aqui, manifestamente, da unidade de uma vida, de um agir, de um criar espirituais: com todas as finalidades, interesses, cuidados e esforços, com as formações finalisticamente produzidas, as instituições, as organizações. Aí agem os homens individuais em múltiplas sociedades de diversos níveis, em famílias, tribos, nações, todas íntima e espiritualmente ligadas e, como disse, na unidade de uma forma espiritual (Husserl, 2008, p.17).

A onda matematizante fez eclodir uma crise na humanidade europeia por romper com a busca existencial patente do “espírito europeu”. Os valores e ideais foram reduzidos ao objetivismo (Teza, 2015). Isso, portanto, coloca de lado as questões essenciais para uma autêntica humanidade, tal como preconizou Husserl que:

Na urgência de nossa vida – ouvimos – esta ciência nada nos tem a dizer. Ela exclui de um modo principal justamente as questões que, para os homens do nosso tempo desafortunado [...] são questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda existência humana (Husserl, 2002, p. 3).

Husserl, deste modo, responsabiliza os cientistas que aderiram ao movimento fisicalista e os filósofos por não se oporem a ele (Zilles, 2002). Husserl não acha que a ciência é de toda errada, mas, como dito, condena a unilateralidade com que os cientistas passaram a conceber a totalidade (Husserl, 2008). Percebe-se, então, que o fenomenólogo esperava ao menos que a filosofia levantasse o véu dessa crise. Ainda, para Goto (2015), o diagnóstico

husserliano da crise é o de que “a ciência moderna está carente de significados, isso quer dizer que a ciência em geral não tem respondido, e ainda, nem dado importância para a existência humana” (p. 106) e a psicologia científica, por ter surgido no âmago dessa crise, também foi afetada pelo objetivismo, fato que “acabou impossibilitando a construção de um saber universal que compreenda a existência humana e pessoal” (p. 183).

Husserl (2008) propõe uma reconciliação da ciência / filosofia / psicologia científica com a razão autêntica característica da forma espiritual europeia, aquela que busca compreender os mistérios em sua universalidade e as essências contidas nas experiências individuais. Ele procurou então entender como se deu o afastamento da ciência com a Razão Autêntica e, com isso, apresentou o método fenomenológico como a superação para essa crise. O principal erro da psicologia moderna foi não se apoiar em uma epistemologia e em um método que a possibilitasse buscar as essências psicológicas. Assim, para Husserl, “só uma fenomenologia radical e sistemática poderá levar à compreensão cabal do psíquico na esfera da consciência individual e, ademais, na esfera da comunidade” (Almada, 2008a, p. 83).

Assim sendo, Husserl apresenta que a fenomenologia se ocupa do fenômeno, ou seja, daquilo que aparece à consciência tal como aparece, visto que o método fenomenológico pressupõe uma série de reduções (suspensões) e dentre elas a redução fenomenológica (*epoché*) para transpor qualquer tentativa de, pela atitude natural ou pelos conhecimentos pré-concebidos, sair da presença, ou seja, daquilo intuído pela consciência intencional (Husserl, 2008, Giorgi, 2010). “Em outras palavras, a fenomenologia analisa as intuições ou presenças, não em seu sentido objetivo, mas precisamente sob o ângulo do sentido que esses fenômenos têm para os sujeitos que os vivem” (Giorgi, 2010, p. 389). Por essas razões, o método fenomenológico não elimina as subjetividades, nem deixa de considerar o sujeito e o pesquisador da investigação, não evita as experiências individuais, nem foge das questões

essenciais. Por isso, a fenomenologia é o antídoto para a crise da humanidade europeia e uma volta às coisas mesmas, com todas as “humanidades” em que nelas há.

Em consequência do método fenomenológico, Husserl apresenta uma nova psicologia que resgata o sentido da subjetividade, não mais uma psicologia fundada no dualismo cartesiano (Goto, 2015), ou seja, de separação do sujeito e do objeto, mas uma psicologia fenomenológica que tem por base a consciência intencional, isto é, uma consciência dirigida para um objeto e um objeto que pressupõe em si uma consciência. Assim, “não há duas entidades independentes, não há objetos e sujeitos que existam em si mesmos” (Giorgi, 2010, p. 2010).

Essa nova psicologia ou a “psicologia fenomenológica” partiria de uma revisão radical da psicologia científica, em uma espécie de refundação da psicologia para retirar todo o encobrimento que o objetivismo relegou ao campo da subjetividade. Esse “descobrimento” seria realizado pela *epoché* que, por sua vez, permitiria o acesso às essências psicológicas, isto é, ao psíquico puro (Husserl, 2008). A psicologia fenomenológica seria, portanto, “uma psicologia que comece com um conceito de alma totalmente original. Um conceito de alma que provenha da experiência originária e genuína; de uma experiência do ser-no-mundo do homem, ou mais propriamente: do mundo-da-vida (*Lebenswelt*)” (Goto, 2015, p. 154). A caminhada fenomenológica transcendental passa pela via psicológica, pois é necessária que a redução psicológica “passe a descrever a consciência, a intencionalidade, os objetos intencionais com seus correlatos” (Goto, 2015, p. 158) para se chegar à consciência transcendental, de modo que há uma interdependência entre a psicologia fenomenológica e a fenomenologia transcendental. A fenomenologia seria, então, um caminho seguro para a reconstrução da psicologia.

Fica evidente diante desse quadro que Husserl foi preciso em diagnosticar a crise da humanidade europeia, porém não estacionou no mero diagnóstico, haja vista que, com a

formulação do método fenomenológico, apresentou um caminho para a superação dela, isto é, tornou a valorizar o mundo-da-vida e a subjetividade, sem com isso desvalorizar o progresso científico no âmbito objetivo. A psicologia fenomenológica é uma superação das incompatibilidades da psicologia científica.

### **Uma crítica à Psicologia científica: a Psicologia Transcendente de Farias Brito.**

Raymundo de Farias Brito (1862-1917) foi poeta, literato, polemista, professor, promotor, e, entre outras funções, foi um filósofo, o primeiro propriamente dito brasileiro. Alcântara (2006) complementa, ainda, a biografia dele:

Nasceu em 24 de julho de 1862, na então vila de São Benedito, interior do Ceará, mudando-se depois para Ipu, Sobral e Fortaleza. Na capital, cursou o antigo Liceu do Ceará [...] Formou-se em Direito na Faculdade do Recife, em 1884, tendo recebido as influências de Tobias Barreto. [...] Entre 1902 e 1909, regeu a Cátedra de Filosofia da Escola Jurídica do Pará. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, venceu o concurso para lecionar lógica no renomado Colégio Pedro II, mas por injunções políticas só ocupou o cargo após a morte de Euclides da Cunha (p. 12).

Farias Brito foi o precursor do pensamento próximo ao fenomenológico e existencialista, no Brasil, principalmente por defender que a Psicologia deveria se importar com a subjetividade da consciência (Holanda, 2009). Ainda, pelo fato que buscou ao longo da própria obra compreender a totalidade da natureza humana e como o humano está perante a realidade histórica e universal (Quadros, 2010). Nesse sentido, Farias Brito demonstrou um amplo arcabouço de conhecimento ao analisar na obra “Mundo Interior” (1914) o pensamento de William James, Kant, Comte, Schopenhauer, Spencer, Renouvier, Wundt, Spinoza, Descartes, Hume, entre outros (Brito, 2006b). Ele foi, como Husserl, um crítico do Positivismo, visto que “empenhou-se a fundo na demolição do Positivismo, que impregnou a

mentalidade dos nossos republicanos históricos, e na crítica das formas mecanicista e evolucionista do Materialismo do século XIX” (Nunes, 1964, citado por Alcântara, 2006, p. 12). Era, portanto, um pensador guiado pela razão que trouxe ao “solo brasileiro” as ideias que valorizavam o espírito, a subjetividade e, conseqüentemente, a Psicologia.

Tão importante quanto essas ideias, era o desejo do filósofo brasileiro de unir o conhecimento científico-filosófico e o conhecimento religioso. Nesse ponto, sabe-se que Farias Brito foi entusiasta de uma religião naturalista, afinal, para ele, “não há duas ordens de existência, a de Deus e a do mundo. A natureza é Deus manifestado, o mundo é sua função permanente, e daí o nome de Religião Naturalista que adota para a nova atitude do homem” (Brito, 2006b, p. 23). A religião seria a própria filosofia concretizada, isto é, o pensamento transformado em realidade-mundo, e, nesse contexto, o espírito ganha grande relevância. O espírito seria, para o filósofo, aquilo que “constitui o fundo e a realidade íntima de todas as coisas é, pois, o ser sensível e ativo, o ser consciente, ou numa palavra, o espírito. Este é o que rigorosamente constitui o que se chama existência, o ser verdadeiro” (p. 36), enquanto o restante dos objetos materiais são apenas manifestações exteriores do espírito mesmo.

Daí que a Psicologia tem importância para Farias Brito, afinal ela seria a ciência do espírito, aquela ciência que busca compreender essa energia que nos faz sentir, agir e pensar, e que é a origem de vários fenômenos que são essencialmente distintos dos fenômenos da matéria. Consonante a isso, Brito (2006b) afirma que diferentemente das outras ciências que “são fenomenais, porque estudam apenas modalidades exteriores da existência [...] A Psicologia estuda a realidade em si mesma, o ser em seu mistério interior, em sua significação mais íntima e profunda, numa palavra, o ser consciente de si” (p. 89). Todavia, essa Psicologia descrita por ele não é sinônimo da Psicologia Científica, haja vista que essa tem problemas, cujos quais ele aborda.

É interessante, aliás, como algumas críticas elencadas por Faria Brito se assemelham às tecidas por Husserl. Para o filósofo brasileiro, a consciência não pode ser explicada apenas pela materialidade das categorias espaço, tempo e causalidade, haja vista que os fenômenos naturais não se reduzem a fenômenos materiais, afinal eles se apresentam também como fenômenos psíquicos e subjetivos (Brito, 2006b). Isto é, os fenômenos naturais são compostos por fenômenos materiais e por fenômenos subjetivos quando analisados e observados por humanos. Conseqüentemente, é um equívoco reduzir os naturais a somente o aspecto material. Destarte, a Psicologia Científica, por estudar o aspecto material, ao mensurar as sensações em uma tentativa limitada de, pelo cálculo, determinar o equivalente mecânico da consciência, incorre no erro de reduzir o fenômeno e a consciência, e procura conciliar ideias incompatíveis. “O ser consciente, o ser que é o princípio dos fenômenos psíquicos, é, de si mesmo, misterioso e estranho, imperceptível e vago; e os seus fenômenos não podem ser estudados nas mesmas condições que os fenômenos da realidade exterior” (Brito, 2006b, p. 92).

Consonante a isso, embora a Psicologia científica tente, pela estatística, prever o ser humano, toda previsão é incerta, pois a estatística sempre se apoia nos atos passados e, por conseguinte, tem mais segurança para dissertar sobre o passado do que sobre o futuro, afinal qualquer ato passado ocorreu em circunstâncias únicas no espaço, no tempo e, principalmente, na conjuntura que, para o ser humano, é o primordial. Além disso, mesmo que se pudessem repetir igualmente as circunstâncias, o indivíduo já não seria o mesmo, pois o tempo não seria o mesmo (Brito, 2006b). Por isso, novamente, é forçoso concluir que fenômenos complexos como os psíquicos variam ao infinito e a pretensão de enquadrá-los experimentalmente é inócua.

Ademais, qual a função da Psicologia se não fosse para instruir sobre as questões essencialmente humanas? Para que serviria o psicólogo incapaz de auxiliar no entendimento



do espírito? Brito (2006b) chama, por isso, tais psicólogos – os que tentam dar uma interpretação objetiva dos fatos – de “psicólogos de gabinete” e os acusa de praticarem uma “psicologia sem alma”. Esses psicólogos, quando defrontados com impotência do inexplicável pela ciência que apregoam, alegam que a Psicologia é, ainda, uma ciência rudimentar, e se utilizam de três respostas básicas: “não há ainda para esse fato interpretação positiva; a ciência é ainda, a esse respeito, indecisa; é preciso esperar que com a experiência se faça a luz sobre esse ponto” (Brito, 2006b, p. 81). O que essas respostas acrescentariam a um indivíduo em sofrimento? Qual o “poder de cura” dessas palavras?

Farias Brito, assim como vimos em Husserl, faz o diagnóstico de uma “crise” humana promovida pelo objetivismo. A ciência e a filosofia ao proclamarem que tudo está na matéria, traz a “escuridão” para a realidade subjetiva, tirando o sentido e o valor da vida, e, nas palavras do autor, quando assim a fazem: “uma noite impenetrável encerrou os horizontes do espírito (...) o nada – eis, pois, a suprema libertação. Tal é a conclusão última e a síntese final do materialismo” (Brito, 2006b, p. 106). Percebe-se, portanto, o caráter tenebroso detectado pelo filósofo quanto ao pensamento humano daquele contexto em que o subjetivo fora esmagado. Assim, diz ele:

E, realmente, suprima-se todo o sentimento, toda a percepção, todo o conhecimento, e que significação tem o mundo? Em vão desenvolver-se-á a substância infinita no espaço, em vão brilharão os sóis e as constelações. Desde que não haja nenhum ser capaz de conhecer, nenhum ser capaz de sentir e perceber o que existe, todo o Universo equivale a nada. (Brito, 2006b, p. 267).

Daí o entendimento de que o método científico-positivo aplicado à Psicologia reduziria a própria condição humana. Mostra-se oportuno salientar que Farias Brito também combateu a ideia mecanicista de que o pensamento / alma / espírito era uma mera secreção do cérebro. O que seria do cérebro sem os órgãos dos sentidos? O que seria dele sem o coração, o

pulmão, etc.? É forçoso concluir que o cérebro depende dos outros órgãos, como os outros órgãos dependem dele. Assim como obviamente o espírito para se manifestar depende do cérebro, haja vista que esse é instrumento daquele (Brito, 2006b). A confusão da psicofísica tem a raiz nessa interpretação equivocada de que o cérebro é o produtor do pensamento, como se ele tivesse a importância suprema, enquanto ele é apenas mais uma engrenagem da totalidade que é o ser. A própria tentativa de mensuração que a psicofísica e a psicofisiologia produzem é contraditória, porque ela pressupõe que os fatos psíquicos possuem características como os fatos materiais, ou seja, creem que os fatos psíquicos não se interpenetram, não se confundem, não se modificam mutuamente, isto é, que um fato do presente não modifica um fato do passado, etc. (Brito, 2006b). Como mensurar algo tão plástico e volátil como os atos psíquicos? E, qual importância teria para a existência humana a parcela mensurável do funcionamento cerebral que não a mera compreensão cerebral?

Farias Brito, assim como Husserl, não nega a relevância da ciência positiva na compreensão e no domínio dos fatos materiais. O materialismo teve grande êxito e predominou o pensamento da ciência, a partir do século XVI, devido à grande importância que as disciplinas da Física e da Química tiveram: “estas ciências atingiram um alto grau de perfeição com a aplicação do método experimental e deram ao mesmo tempo lugar aos mais fecundos resultados práticos” (Brito, 2006b, p. 375). Obviamente, essa influência foi exercida nos mais diferentes pensadores e cientistas. Um sinal dessa influência foi a negação da “coisa em si” (em Husserl, seria a essência), pois para Brito (2006b), os naturalistas deturparam o positivismo, haja vista que o positivismo não nega a “coisa em si” nem as causas primárias ou finais. O positivismo simplesmente afirma a impossibilidade de apreendê-las com o conhecimento ou a cognição possível à época, o que definitivamente não é sinônimo de inexistência. Aqueles que matam a “coisa em si”, o fazem com a justificativa de que ao ser

humano é possível apenas a apreensão das representações dos objetos, ou seja, a “coisa em si” é inacessível, restando apenas a representação da coisa (Brito, 2006b).

A questão consequente a ser levantada é o que seria o conhecimento científico de um objeto se não a representação dele na linguagem científico-matemática? Não seria um contrassenso criticar a cognoscibilidade da “coisa em si” pelo argumento da representação, sendo que a própria ciência positiva produz meras representações? O filósofo brasileiro contrapõe-se a essa vertente com esse pensamento lógico, porém ainda afirma:

Esta concepção é falsa. Há como elementos constitutivos do conhecimento não três, mas somente dois princípios: a consciência em nós e os corpos ou a natureza exterior fora de nós, o princípio que conhece e as cousas que são conhecidas. Quanto ao que se chama representação, é já o conhecimento mesmo (Brito, 2006b, p. 327).

A Psicologia científica está nesse bojo e, também, entrou no jogo objetivista, principalmente porque “se separou” da filosofia exatamente nesse contexto. Todavia, Farias Brito tem uma visão diferente da relação entre a filosofia, a ciência e a Psicologia. “A ciência é o conhecimento já feito, o conhecimento verificado e organizado; a filosofia é o conhecimento em via de formação” (p. 27), ou seja, da filosofia ou do filosofar nasce à ciência, sendo que a ciência antes de ser um conhecimento verificado é filosofia. Denota-se daí, então, que não há uma separação de duas instâncias, mas as duas são estágios da formulação do conhecimento em que nenhuma é anterior ou posterior à outra, nem mais ou menos importante. Já a “filosofia é a Psicologia, a ciência do espírito. Tal é, por conseguinte, a nossa tese fundamental” (Brito, 2006b, p. 99). Assim, há uma relação entre ciência, filosofia e psicologia.

A Psicologia “verdadeira”, isto é, a que vai além da psicologia científica, começa quando entra no domínio da consciência mesma, ou seja, “a Psicologia estuda a realidade em si mesma, o ser em seu mistério interior, em sua significação mais íntima e profunda, numa

palavra, o ser consciente de si mesmo” (p. 89). O método para realizar o mergulho na consciência mesma é, por consequência, a introspecção. A psicologia, enquanto ciência do espírito, procura conhecer esse “eu” (ou consciência) e “esse eu só pode ser conhecido por visão interior, por intuição e sentimento, e é constituído pela fusão e penetração dos estados psicológicos” (Brito, 2006b, p. 260). Esse é o método próprio da filosofia que, pela introspecção, produz as questões mais essenciais, assim como Sócrates asseverou como caminho ao citar “conhece-te a ti mesmo”.

Já Immanuel Kant (1724-1804) defendeu que a “coisa em si” era incognoscível por confundir a introspecção com a imaginação. “Não pode haver erro mais grave. Introspecção não é imaginação” (p. 423), embora alguns trabalhos apresentados como resultado desse método seja, realmente, uma obra imaginária. Todavia, “os trabalhos fundados sobre a observação exterior não estão isentos do erro, e podem facilmente degenerar em mera fantasmagoria, nas mesmas condições que as especulações” (p. 423). Deve-se, pois, utilizar o método particular de cada observação com rigor e precisão. E quando isso é feito, o método para conhecer a “coisa em si” é “a observação interior, porque, sendo a “coisa em si” a existência subjetiva, é evidente que só pode ser conhecida por observação interior” (Brito, 2006b, p. 365). O método introspectivo se baseia em cinco etapas:

1. Tomada da experiência do espírito em todo o seu conjunto, nesta etapa, busca-se revelar a consciência em si e o que está na consciência.
2. Desligamento da feição subjetiva da experiência individual, buscando realizar a análise do aspecto objetivo.
3. Análise do aspecto subjetivo, procurando encontrar a verdade do espírito humano: “o mundo interior deste homem”, a introspecção direta.
4. Para evitar o solipsismo intrínseco na fase anterior, Farias Brito propõe, também, uma introspecção indireta que leva em conta as manifestações externas dos fenômenos da consciência, nesta acepção, serão introduzidas no método da introspecção, várias ciências do espírito (...)

Neste momento, temos por tanto a introspecção indireta. 5. Por fim, (...) a psicologia transcendental propriamente (Quadros, 2010, p. 78).

Com a introspecção como método, a psicologia alarga ainda mais os horizontes e se desprende das amarras que não lhe permitia o estudo do espírito – objeto principal da psicologia. A essa Psicologia, Farias Brito denomina “Psicologia Transcendente”, finalmente a “psicologia com alma”, a psicologia com sentido. A psicologia transcendente não significa uma psicologia estranha “à realidade, sem relação com a vida inacessível aos processos comuns do conhecimento. Não. O que me esforço por compreender é a realidade mesma: nada que seja estranho à realidade, nada que seja estranho às fórmulas regulares do raciocínio” (Brito, 2006a, p. 125).

Dessa forma, Farias Brito discorre sobre uma psicologia que atinja o mais elevado conhecimento sobre os fenômenos psíquicos e a denomina transcendente como a explicitar o modo de proceder, isto é, o método, capaz de levar aquele conhecimento à totalidade, ou seja, à infinidade dos mistérios (Brito, 2006b). Seria, portanto, a psicologia do infinito capaz de abarcar o infinito mundo humano, mundo esse maior que o aspecto objetivo.

## **Conclusões**

A psicologia científica ganhou bastante espaço nos meios acadêmicos pela influência do êxito das outras ciências e pelo viés naturalista materialista do século XIX em diante. Todavia, ela se pauta em uma epistemologia e em uma ontologia que procuraram desconsiderar os aspectos propriamente subjetivos em detrimento aqueles passíveis de objetivação (mensuração). Essa guinada objetiva produziu a denominada “crise na humanidade” como explicitado por Husserl, na fenomenologia, ou “crise atual na filosofia” por Farias Brito, afinal o ser humano sem o aspecto subjetivo deixa de ser humano.

Os dois filósofos denunciam diversas críticas à Psicologia científica e esse trabalho procurou evidenciá-las, tais como uma denúncia contra a fundação da “psicologia sem alma”.

Há, ainda, muitas outras nas obras dos dois filósofos e que, certamente pela relevância, merecem novas pesquisas.

Husserl, embora reconheça o avanço que a ciência natural proporcionou à humanidade, diagnosticou a crise provocada pela utilização do método positivo nas ciências humanas, e, em especial na psicologia, haja vista que a análise científico-experimental já pressupõe apenas o estudo da objetividade, eliminando os aspectos subjetivos. O fenomenólogo, portanto, afirma que da mesma forma que há o descobrimento da matéria, há o encobrimento das essências. A psicologia científica, portanto, se distancia das questões humanas essenciais. Por conta disso, o pai da fenomenologia propõe um novo método que reconcilie a psicologia com a razão autêntica: o método fenomenológico. A fenomenologia seria uma epistemologia que embasaria uma nova psicologia, a psicologia fenomenológica, que voltaria às coisas mesmas e atingiria, pela *epoché*, as essências psicológicas, o mundo-da-vida, o mundo do cotidiano. A psicologia fenomenológica, ao contrário da psicologia científica, admitiria a totalidade e a universalidade.

Farias Brito foi um crítico do positivismo e entusiasta de uma ideia que uniria o conhecimento científico, filosófico e religioso, numa ideia para a compreensão da totalidade. Ele resgata o significado de espírito, como o autor dos fenômenos subjetivos ou não-materiais, e propõe uma ciência do espírito, haja vista que a consciência não se explica pela ciência natural. Diz que as mensurações e o cálculo produzem ínfimas informações sobre ela, mas não possibilita o acesso às coisas em si. O filósofo brasileiro critica a psicologia científica e a chama de “psicologia sem alma” e os psicólogos que a praticam, como “psicólogos de gabinete”. Ele detecta então uma escuridão provocada pelo materialismo, em que o sentido e o valor da vida ficam obnubilados. Farias Brito, embora reconheça o valor da ciência natural, propõe um novo método para as ciências humanas ou a ciência do espírito: o método da introspecção ou a observação interior. Esse método é o único que possibilita o

acesso à consciência e às coisas em si. Esse método possibilitaria uma nova psicologia, uma psicologia capaz de atingir o mundo humano na totalidade, a psicologia transcendente.

Conclui-se, portanto, que há muitas convergências entre o pensamento husserliano e britiano. Ambos reconheceram o valor das descobertas proporcionadas pela ciência natural, mas denunciaram o equívoco da transposição direta do método positivo para as ciências humanas. Dizem que essa atitude impossibilitou o acesso às essências, tal como diz Husserl, e às coisas em si, tal como Farias Brito. Dessa forma, afirmam que uma psicologia pautada no método positivo não estudaria a totalidade, nem responderia as questões humanas essenciais. Por conta disso, Husserl diagnostica uma crise na humanidade europeia e Farias Brito detecta que o mundo fez-se trevas, ou seja, uma escuridão pairou sobre o pensamento humano. Muito além das críticas à psicologia científica, Husserl e Farias Brito, cada um, apresentam um método para transpor a escuridão que se formara com a psicologia científica. São eles: o método fenomenológico e o método introspectivo, respectivamente. Ambos são como um farol que direciona o comandante de um navio numa noite de mar agitado. Talvez, quem sabe, os psicólogos, ao se depararem com as obras analisadas, as utilizem cada vez mais na caminhada pela “alma” humana para trazer novamente uma luz para a humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Abib, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, 7(2), 195-208. <https://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002>
- Agostinho (1987). *A verdadeira religião*. São Paulo, SP: Editora Paulinas.
- Alcântara, L. (2006). Farias Brito, filósofo cearense. In Brito, R. F. (2006). *O Mundo Interior: Ensaio Sobre os Dados Gerais da Filosofia do Espírito*. (Vol. 52). Brasília, DF, Brasil: Senado Federal, Conselho Editorial.

- Almada, L. F. (2008a). A naturalização da consciência: a filosofia da psicologia de Husserl em face da psicologia experimental. *Trilhas Filosóficas*, 1(2), 70-84. Recuperado em 10 de agosto, 2018, de <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/31/30>
- Almada, L. F. (2008b). Psicologia como ciência: comportamento, introspecção e consciência. *Revista AdVerbum*, 3 (1) Jan a Jul de 2008: 68-85. Rio de Janeiro.
- Brito, R. F. (2006a). *A Base Física do Espírito*. (Vol. 53). Brasília, DF, Brasil: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Brito, R. F. (2006b). *O Mundo Interior: Ensaio Sobre os Dados Gerais da Filosofia do Espírito*. (Vol. 52). Brasília, DF, Brasil: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Cardoso, C. R. D., & Massimi, M. (2013). Contribuições de Edith Stein para a Fundamentação Filosófica da Psicologia Científica. *Psicologia em Pesquisa*, 7(2), 188-199. <https://dx.doi.org/10.5327/Z1982-1247201300020007>
- Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2015). Fenomenologia e Psicologia Experimental no Início do Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(3), 403-410. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032125403410>
- Costa, I. I. d., Goto, T. A., & Holanda, A. F. (2018). Fenomenologia Transcendental e a Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl. *Rev. Nufen: Phenom. Interd.*, 10(3), 38-53. Belém.
- Embree, L. (2011). *Análise reflexiva: uma introdução na investigação fenomenológica*. Bucharest: Zeta Books.
- Giorgi, A. (2010). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In Poupart, J. et al. (Orgs), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.



- Goto, T. A. (2015). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo, SP: Editora Paulus.
- Goto, T. A. (2017). La crítica a la psicología científica y la constitución de la psicología fenomenológica en Edmund Husserl. *Acta Mexicana de Fenomenología - Revista de investigación filosófica y científica*, 2, 31-44. Recuperado em 10 de agosto, 2018, de [https://www.academia.edu/33806385/L%C3%A1\\_critica\\_de\\_la\\_psicolog%C3%ADa\\_cient%C3%ADfica\\_y\\_la\\_constituci%C3%B3n\\_de\\_la\\_psicolog%C3%ADa\\_fenomenol%C3%B3gica\\_en\\_Edmund\\_Husserl](https://www.academia.edu/33806385/L%C3%A1_critica_de_la_psicolog%C3%ADa_cient%C3%ADfica_y_la_constituci%C3%B3n_de_la_psicolog%C3%ADa_fenomenol%C3%B3gica_en_Edmund_Husserl)
- Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: Diálogos e interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 15(2), 87-92. Recuperado em 10 de agosto de 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n2/v15n2a02.pdf>
- Husserl, E. (2002). *A crise da humanidade europeia e a filosofia. Edmund Husserl*. (2nd ed., 6-42). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Husserl, E. (2008). *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Covilhã, Portugal: LUSOSOFIA.
- Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(spe), 37-45. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Massimi, M. (1994). Psicologia na visão de psicólogos e psiquiatras brasileiros das primeiras décadas do século XX. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (6), 84-99. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1994000100006>
- Peres, S. P. (2017). Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, 1(2), 63-84. Toledo-PR. Recuperado em 10 de agosto de 2018, de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/18209/11915>

- Quadros, E. M. (2010). Existencialismo e Fenomenologia em Farias Brito sob a perspectiva de Fred G. Sturm. *Revista Espaço Acadêmico*, 108, 73-80. Recuperado em 10 de agosto de 2018, de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9365>
- Santos, G. L. (2011). Motivação e Liberdade: A superação do determinismo psicofísico na investigação fenomenológica de Edith Stein. *Kairós - Revista Acadêmica da Prainha*, 8(2), 216-234. Recuperado em 10 de agosto, 2018, de <http://www.catolicadefortaleza.edu.br/revista/anoviii-02-2011/>
- Teza, R. d. (2015). O significado de “objetivismo” em Husserl: caminho para descobrimento e encobrimento. *Kínesis*, 7(15), 120-134. Recuperado em 10 de agosto, 2018, de [https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/9\\_rogerioteza.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/9_rogerioteza.pdf)
- Zilles, U. (2002). A fenomenologia husserliana como método radical. In Husserl, E. (2002). *A crise da humanidade europeia e a filosofia. Edmund Husserl*. (2nd ed., pp. 6-42). Porto Alegre: EDIPUCRS.